



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 68/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

FALAS DE LULA

Temos um presidente palavreiro como nunca; não gosta de ler mas gosta muito de falar e fala tanto que, inevitavelmente, diz muita coisa que não devia dizer. Eu, que o tenho na conta de um dos três melhores presidentes de nossa História, fico por vezes encabulado. Mas no balanço geral acho que, na maioria dos casos, sua fala é boa, é inteligente, justa, verdadeira e oportuna. Como foi, por exemplo, por duas vezes na semana passada: quando falou do G-7 morto e quando sugeriu a Constituinte para a Reforma Política.

Escutei críticas à declaração de morte do G-7, como se tivesse sido de alguma forma ofensiva às nações que até agora dominaram o mundo, todas elas nações amigas e importantes para o Brasil. No meu entender, são críticas fundadas numa interpretação incorreta daquelas palavras. Afirmar que o G-7 morreu para dar lugar ao G-20 é constatar o avanço do processo de democratização do mundo e manifestar o regozijo com isso. Não destrata nem deslustra nenhum dos países do G-7 mas, ao contrário, pode mesmo ser entendido como um elogio à atitude democrática deles de reconhecer a importância de outras nações e aceitar sua participação nas decisões como sendo positiva para a melhoria do mundo. Ademais de ser uma declaração correta e verdadeira, ela é virtuosa na medida em que aponta para novos progressos na democratização global, pressupondo novos passos em direção ao G-40 e ao G-80. Francamente, não sei se é o caso de ir muito adiante; não sei se concordo com a regra absoluta da ONU de considerar iguais os votos de nano e macro-países. De qualquer maneira, é muito auspicioso o movimento de ampliação e agregação de opiniões nacionais nos fóruns de grandes decisões, e penso que o reconhecimento do G-20 conduzirá, necessariamente, a uma revisão do absurdo privilégio de tão poucas nações no Conselho de Segurança.

A outra fala que, para mim, acertou no alvo, foi a da defesa de uma Constituinte exclusiva para elaborar uma Reforma Política verdadeiramente aperfeiçoadora, que se faz hoje tão necessária.

O reconhecimento desta necessidade, bem como o da urgência da referida Reforma, são unanimidades nacionais, mesmo entre os políticos. E entretanto a Reforma há anos não avança no Congresso, nem dá mostra de que vá avançar em futuro próximo. Porque seu conteúdo é profundamente polêmico?

Sim, sem dúvida, não é nada fácil, mesmo para o cidadão comum, fazer opções em questões tais como financiamento público de campanhas, voto em listas partidárias, voto distrital, proporcional ou misto, proporcionalidade nas representações estaduais na Câmara Federal, suplência no Senado, regras para a remuneração dos parlamentares e vantagens necessárias para o exercício do mandato, e ainda outras propostas em voga, menos polêmicas mas muito populares, como a desobrigação do voto e a própria extinção do Senado. Mas não citei todas as dificuldades: o potencial de conflitos de opiniões é ainda bem maior quando os votantes estão envolvidos diretamente nesses interesses. A complicação, neste caso, se multiplica não por dez ou por cem mas por seiscentos, que é o número de deputados e senadores no Congresso. E esta multiplicação é fatal para as decisões da Reforma.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 68/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

Quero com isso dizer que, na minha opinião, humilde mas experiente, de quem conviveu por décadas com parlamentares grandes e pequenos, honrados e não tanto, na minha opinião o Congresso não fará nunca a Reforma Política tão esperada e necessária. Foram eleitos, todos, dentro das regras vigentes e têm mil razões para desconfiar de qualquer alteração dessas regras que possa vir a atingi-los na próxima eleição.

Então, se a Nação quer uma Reforma Política, terá de convocar uma Assembléia específica para este fim. E como a matéria é constitucional, terá de ser uma Assembléia Constituinte específica. Foi o que disse o Presidente Lula. Que, aliás, não foi o primeiro a dizê-lo: uma pesquisa mínima logo revelará uma dúzia de pronunciamentos relevantes no mesmo sentido. Só que a fala de um Presidente, com a popularidade e a aprovação de que ele desfruta, tem outra densidade. E talvez seja tão grande esta densidade que possa dar ensejo a um plebiscito sobre o tema, já que, assim como o Congresso não consegue decidir sobre a Reforma, não aprovará, também, qualquer dispositivo que possa redundar na convocação de uma Constituinte capaz de tomar as decisões cruciais, sem a sua participação.

É importante, pois, aplaudir a fala de Lula e alimentar sua amplificação e sua multiplicação, na tentativa de engrossar decisivamente uma corrente nacional de opinião favorável a esta Constituinte.

Quanto a outras falas do mesmo Presidente, no mesmo período, prefiro não comentar, como a defesa que fez do Presidente do Senado e a “compreensão” manifestada em relação aos desmatadores da Amazônia. Há razões políticas na base dessas declarações, razões de interesse político do Presidente, e há, também, misturadas, razões mais nobres, como a intenção de preservar a Instituição Senado contra uma avalanche de denúncias demolidoras, e o reconhecimento de valor dos pioneiros, que se aventuraram na ocupação da Amazônia.

Enfim, presidente que fala muito é assim mesmo, merece palmas aqui e vaias acolá, e eu achei que valia a pena ressaltar os aplausos nos dois relevantes casos que mencionei.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br